

O sol da Itália

Estive ontem mais uma vez no quarto de empregados ocupado por *pani* Eliza, aquecendo-me ao fogo de uma coroa de ramos verdes de abeto. Permaneci sentado ali, perto da estufa tépida, viva, resmungona, e era noite alta quando voltei para casa. No fundo do barranco, o silencioso Zbrutch rolava suas escuras águas de vidro.

A cidade incendiada – colunas quebradas e ganchos cravados no chão, iguais aos mindinhos de velhas malvadas – parecia suspensa no ar, conveniente e inaudita como num sonho. O brilho nu da lua derramava-se sobre ela com uma força inesgotável. O musgo úmido dos escombros florescia feito o mármore de uma frisa de teatro. E, com o espírito perturbado, eu esperava a saída de um Romeu por entre as nuvens, um Romeu vestido de cetim, cantando o amor, enquanto, nos bastidores, um electricista deprimido mantém o dedo no interruptor da lua.

Caminhos azuis fluíam à minha frente, qual rios de leite jorrando de muitos peitos. Na volta para casa, temia encontrar meu vizinho Sidorov, que toda noite pousava em mim a pata peluda de sua tristeza. Felizmente, naquela noite devastada pelo leite da lua, Sidorov não disse palavra. Cercado de livros, ele escrevia. Em cima da mesa fumegava uma vela corcunda, a pira

fúnebre dos sonhadores. Sentado à parte, eu tirava uma pestana, os sonhos pulavam ao meu redor feito gatos. E só bem tarde da noite fui acordado por um ordenança, que viera convocar Sidorov ao Estado-Maior. Os dois saíram juntos. Então corri até a mesa em que Sidorov ficara escrevendo e dei uma folheada nos livros. Havia ali um manual de língua italiana para autodidatas, uma reprodução do Fórum Romano e um mapa de Roma. O mapa da cidade estava todo marcado de cruces e pontos. Debrucei-me sobre uma folha escrita e, com o coração aos pulos, torcendo os dedos, li uma carta alheia. Sidorov, o assassino macabúzio, rasgou em pedaços o algodão rosa de minha imaginação e arrastou-me pelos corredores de sua loucura ajuizada. A carta começava pela segunda folha, e eu não tive coragem de procurar o começo:

... o pulmão perfurado e desatinando um pouco, ou, como diz Serguei, perdendo a cabeça. Mas quem não perde a cabeça de um jeito, acaba perdendo de outro. Pensando bem, é melhor deixar as brincadeiras de lado... Voltemos à ordem do dia, minha amiga Viktória...

Participei da campanha de Makhnó durante três meses, uma farsa extenuante e mais nada... Só Volin ainda continua lá. Volin enverga os paramentos sacerdotais e almeja tornar-se o Lênin da anarquia. É terrível. O batko dá-lhe ouvidos, aflagando os arames empoeirados de suas melenas e soltando entre os dentes cariados sua risadinha de mujiq. E eu agora já não sei se não há nisso tudo a erva daninha da anarquia, e se não passaremos a perna em vocês, prósperos membros improvisados de um CC de fabricação caseira, made in Khárkov, a capital improvisada. Bons sujeitos como vocês não gostam de lembrar agora os pecados anarquistas da juventude, e riem-se deles do alto da sabedoria dos dirigentes. O diabo que os carregue...

Depois fui parar em Moscou. Como acabei indo parar em Moscou? Os rapazes tinham esculhambado um fulano num caso de requisição ou coisa assim. Eu, besta, me intrometi. Levei uma surra que foi merecida. O machucado era o de menos, mas em Moscou, ai, Viktória, em Moscou eu emudeci de desgosto. Todos os dias as enfermeiras do hospital me serviam um grãozinho de kacha. Cheias de cerimônia, elas traziam a comida numa enorme bandeja, e eu passei a detestar aquela kacha de brigada de choque, o abastecimento fora do plano e a Moscou planificada. Depois, no soviete, encontrei um punhado de anarquistas. Eram todos janotas ou velhotes meio destrambelhados. Meti-me no Kremlin com um autêntico plano de trabalho. Passaram a mão na minha cabeça e me prometeram o cargo de assessor, caso eu me emendasse. Não me emendei. O que veio depois? Depois veio o front. O Exército de Cavalaria, a tropa, cheirando a sangue fresco e a restos humanos.

Salve-me, Viktória! A sabedoria dos dirigentes me deixa louco e bêbado de tédio. Se você não me ajudar, acabo batendo as botas sem plano nenhum. Se existe alguém que queira um combatente morto de forma tão desorganizada, certamente não é você, Viktória, a noiva que nunca chegará a ser esposa. E lá vem o sentimentalismo de novo, pois ele que se ferre...

Agora vamos falar do que importa. A vida militar me aborrece. O ferimento me impede de montar, o que significa que não estou mais em condições de combater. Use sua influência, Viktória, para que me mandem para a Itália. Estou aprendendo italiano e em dois meses já estarei sabendo falar. Na Itália há fogo sob as cinzas. Lá muitas coisas estão maduras. Só faltam dois tiros. Um deles será disparado por mim. É preciso mandar o rei para o outro mundo. Isso é muito importante. O rei deles é um bom sujeito que, em nome da popularidade, faz-se fotografar na companhia de socialistas domesticados, para sair nas revistas de família.

No CC, no Narkomindel, não vá mencionar nem rei, nem tiros. Eles passariam a mão na sua cabeça e balbuciarão: “É um romântico!”

Diga apenas: ele está doente, com raiva, bêbado de tédio, e só quer o sol da Itália e bananas. Pois fez ou não fez por merecer? Só para se tratar e basta.¹ Do contrário, que o mandem para a Tcheká de Odessa... Lá eles são muito sensatos e...

Quanta besteira, e que modo besta e injusto de lhe escrever, minha amiga Viktória...

A Itália entrou no meu coração como uma alucinação. Para mim, a idéia daquela terra que nunca vi é doce como um nome de mulher, como o seu nome, Viktória...

Li a carta e tratei de me acomodar no meu leito sujo e desmantelado, mas o sono não vinha. Do outro lado da parede, uma judia grávida chorava desconsolada, e o marido esgrouinhado respondia-lhe com um murmúrio cheio de gemidos. Estavam lembrando as coisas que lhes tinham sido roubadas, e recriminavam-se um ao outro pelo descuido. Mais tarde, antes do amanhecer, Sidorov voltou. Em cima da mesa a vela gasta bruxuleava. Sidorov tirou de sua bota outro toco e, profundamente absorto, sufocou com ele o pavio fundido. Nosso quarto era escuro e lúgubre, pairava ali o fedor de umidade noturna, e apenas a janela transbordante de luar brilhava como uma libertação.

O meu vizinho aflito aproximou-se e guardou a carta. Sentado, debruçou-se sobre a mesa e folheou o álbum ilustrado com vistas de Roma. O suntuoso volume com lombada de ouro estava aberto diante de seu rosto oliváceo e inexpressivo. Acima de suas costas encurvadas resplandeciam as ruínas do Capitólio e a

1 Em italiano transliterado para o russo, no original. [N. T.]

arena do Coliseu, iluminada por um sol ocidental. Havia também uma fotografia da família real, no meio das grossas folhas acetinadas. Num pedaço de papel, arrancado de um calendário, aparecia o afável e minúsculo rei Victor Emanuel com a consorte de cabelos negros, o príncipe herdeiro Humberto e uma ninhada inteira de princesas.

... E a noite estava ali, cheia de sons remotos e lúgubres, um quadrado de luz recortado na escuridão úmida – e nela o rosto cadavérico de Sidorov, máscara sem vida suspensa sobre a chama amarela da vela.